

DIVISÃO DO TRABALHO SOCIAL TOTAL (OU DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO) E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Desde os primórdios, os grupos humanos dividiam entre si os diversos trabalhos para manterem-se vivos. Tal divisão era muito pequena porque pequeno era o desenvolvimento das *forças produtivas*. É o contrário o que vemos hoje em nossas sociedades. Basta listarmos o número gigantesco de profissões, especialidades, *modos de vida* dos homens modernos.

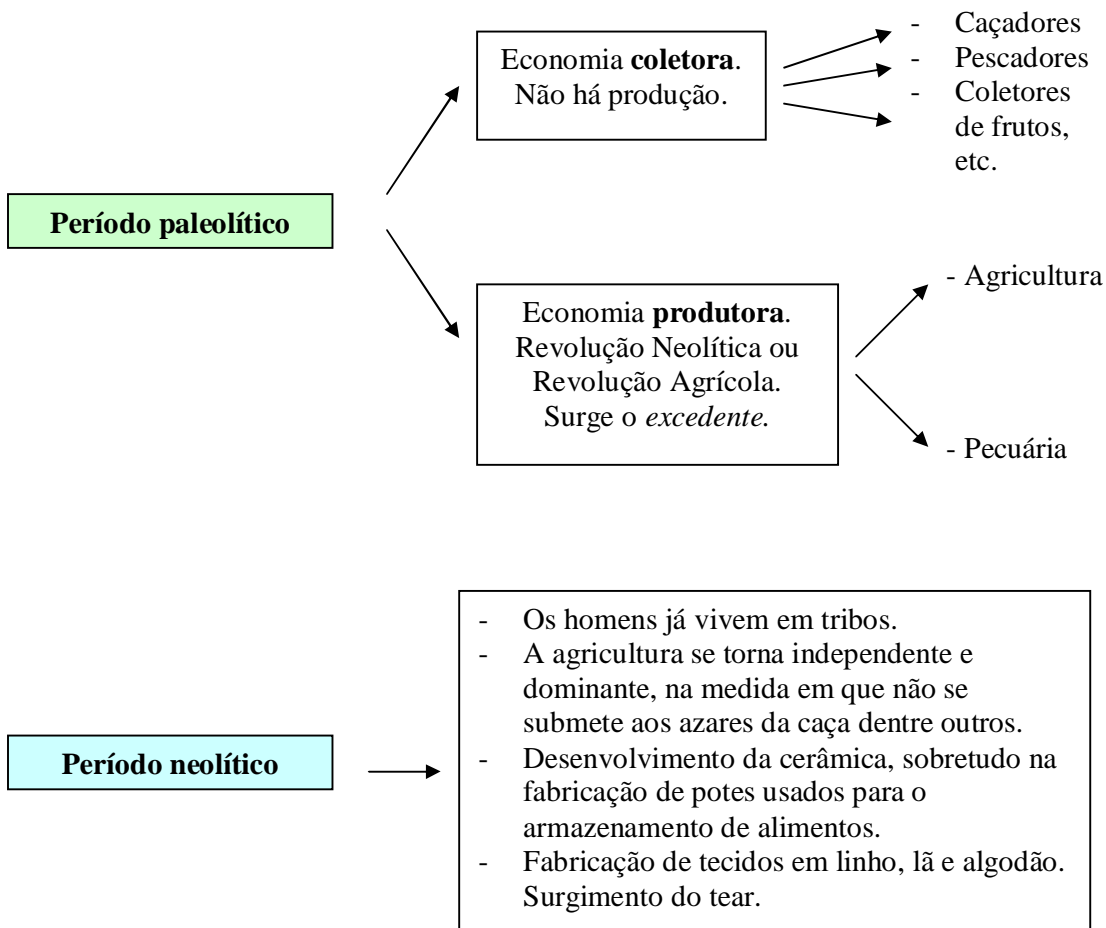
Assim, podemos esquematicamente, ainda que qualquer esquema tenha suas limitações, estabelecer a seguinte seqüência das primeiras grandes divisões do trabalho.

- 1 – Divisão natural do trabalho, segundo a idade e o sexo de cada indivíduo;
- 2 – Surgimento de agricultores e pastores;
- 3 – Surgimento dos artesãos (trabalhos com ferro, cerâmica, etc.).

A agricultura permite a fixação da comunidade num território. Temos aqui o surgimento da oposição entre sedentários e nômades e as trocas comerciais entre ambos.

Com o tempo, tais desenvolvimentos criaram uma nova oposição: o surgimento da cidade e, por extensão, do campo. Conseqüentemente, o aparecimento do comércio entre moradores do campo e moradores da cidade.

Quanto maior a divisão social do trabalho, maior a quantidade de *modos de vida* dos homens. É o início do fim da “*visão helicóptero*”. Cada especialização produz um modo de agir e pensar específico. O modo como o homem vive determina o modo como esse homem percebe o mundo em que vive.



Durante o período Paleolítico, ou Idade da Pedra Lascada, os homens praticavam uma economia *coletora* de alimentos. À medida que começaram a *cultivar plantas* e a *domesticar animais*, tornaram-se *produtores* de alimentos, ou seja, passaram a ter o controle sobre o *abastecimento* de sua alimentação. Esse fato representou uma profunda transformação econômica, com importantíssimas conseqüências para a sobrevivência da espécie: é chamado de *Revolução Neolítica* ou *Revolução Agrícola*. Na realidade, não foram evidentemente *todos* os homens que se tornaram *produtores*, mas tão-somente algumas *comunidades* de homens. E tampouco a Revolução Neolítica ou Agrícola deu-se de um dia para outro. Foi o lento processo de **desenvolvimento das forças produtivas**, verificado em certas comunidades, sob determinadas condições históricas, que fez com que se desse esse *salto* na economia da sociedade “primitiva”.

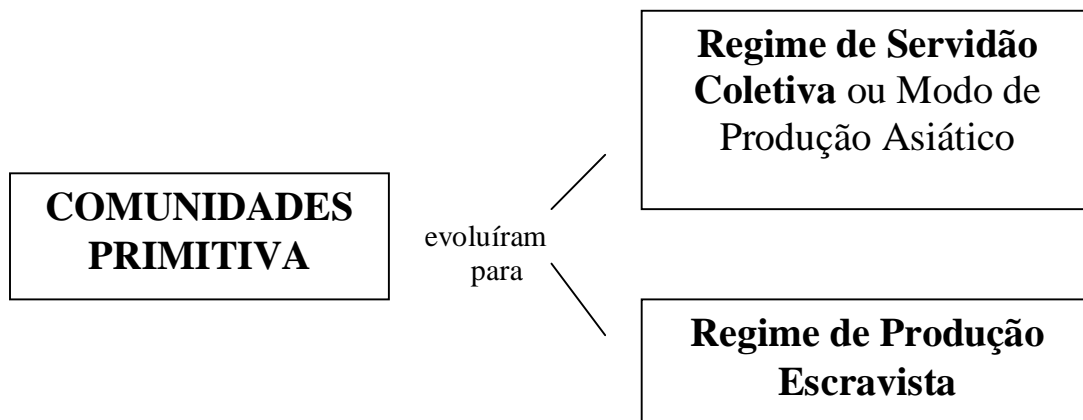
O início da agricultura implicou a reorganização econômica da sociedade. Conquanto o nível da economia permanecesse de *subsistência*, já era possível produzirem-se *excedentes*.

Os homens do Neolítico já se encontravam organizados em *tribos*, e não mais em bandos, e viviam em aldeias, em cabanas de madeira, barro e tijolo, e não mais em cavernas.

O rendimento de uma economia produtora é maior do que o de uma economia coletora, sujeita aos azares da caça. Os homens podem produzir mais do que o necessário ao consumo imediato da comunidade, embora não sejam – inicialmente – estimulados a isso. No entanto, a *produção de excedentes* só foi possível a longo prazo, quando a agricultura se tornou independente e dominante.

A existência de tribos pastoras e agricultoras deu origem às trocas e aos contatos mais freqüentes entre esses produtores, devido à possibilidade de *acumulação de excedentes*.

Assim, as comunidades primitivas evoluíram para dois regimes econômicos:



Essa passagem ou evolução¹ se deu em paralelo com o surgimento das cidades (Revolução Urbana), da propriedade privada, das classes sociais e do Estado.

¹ Evolução e progresso são conceitos diferentes.